

Transpornografias: performances transeróticas a partir do documentário Bixa Travesty

Rafael Martins de Meneses¹
Valdenia Pinto de Sampaio Araújo²
Shara Jane Holanda Costa Adad³
Letícia Carolina Pereira do Nascimento⁴
Lucivando Ribeiro Martins⁵
Pedro Victor Modesto Batista⁶

Resumo: As sexualidades contra hegemônicas podem se manifestar de diversos modos artísticos, a produção audiovisual *Bixa Travesty* evidencia essas possibilidades. Nesse documentário, a hipersexualização da corpa travesti é usada ao avesso na medida em que as performances de Lina Pereira afirmam sua corpa Travesti. Diante do cenário exposto, trazemos o conceito transpornografias para evidenciar as performances afetivas, sensuais e sexuais não-cisgêneras, suas rupturas ontológicas e destabilizações do cisheterobrancosexismo por meio de referenciais do Transfeminismo (Viviane Vergueiro, 2015; Nascimento; Meneses, 2021; Sofia Favero, 2020). Temos como objetivo analisar as transpornografias da obra cinematográfica *Bixa Travesty*, desse modo, destacar as possibilidades de afirmação das corporalidades Trans frente aos padrões de gênero e sexualidade. No decorrer do trabalho, percebe-se que os agenciamentos da cisheterobrancosexualidade tentam interditar certas performances consideradas perversões, porém há insurgências frente a esses costumes naturalizados historicamente. Doravante, afirmamos que uma travesti feliz é uma revolução. Se a cisheterobranconormatividade quer nos adoecer e entristecer, seja por quadro depressivos Cistêmicos, pânico social ou isolamento, a alegria e o prazer Trans é uma máquina de guerra pela afirmação da vida (des)territorializada em novos caminhos.

Palavras-chave: Travesti; Transpornografias; Gênero e Sexualidade; Transfeminismo.

¹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal do Piauí. Email: rafaelmartins@ufpi.edu.br.

² Doutora em Educação. Universidade Federal do Piauí. Email: valdeniasampaio@ifpi.edu.br

³ Doutora em Educação. Universidade Federal do Piauí. Email: shara_pi@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação. Universidade Federal do Piauí. Email: lecarolpereira@gmail.com

⁵ Doutorando em Educação. Universidade Federal do Ceará. Email: lucivandomartinsprof@ors.uespi.br

⁶ Doutorando em Psicologia. Universidade Federal do Ceará. Email: pedromodesto@ufpi.edu.br

Introduzindo as transpornografias

Toda minha produção de saberes se dá pelas minhas experiências. Sabores empíricos advindos de uma trajetória em movimento e inacabada. Fragmentos de televisores, revistas, novelas, músicas, videogames, pornografias & também cartografias de afeto.
(Linn da Quebrada, 2021, p. 162)

Escrevemos neste trabalho reflexões a partir das performances da multiartista e agitadora cultural Linn da Quebrada (Lina Pereira) no documentário *Bixa travesty*. Entendemos as transpornografias como as produções afetivo sexuais envoltas nas manifestações das sexualidades de pessoas Trans (Travestis, Transexuais e Transgêneras/os/es). A etimologia da palavra pornografia sugere a escrita sobre prostituição e obscenidades, seu conceito varia conforme o período histórico, na modernidade o imaginário pornográfico passa a revelar uma certa verdade sobre os corpos, identidade e sexualidade (Sarmet, 2014; Foucault, 2020).

Assim, trazemos o conceito transpornografias para evidenciar as performances afetivas, sensuais e sexuais não-cisgêneras, suas rupturas ontológicas e desestabilizações do cisheterobrancosexismo – imposição dos padrões sexuais cisgêneros e brancoheterossexual. Nesse interim, o transerotismo emerge para discutir as materialidades dos discursos que englobam a sensualidade das corporalidades Trans, suas expressões afetivas, sexuais e outros desejos transvestigêneres – termo cunhado por Indianare Siqueira e Erika Hilton para se referir as identidades não-cisgêneras (Jesus, 2019).

Dentre as potencialidades da transpornografia, o corpo Trans figura como centro do desejo, evoca a sua materialidade diante dos discursos essencialistas. Tal mudança paradigmática permite potentes desdobramentos subjetivos, construções desejantes de corporalidades contrahegemônicas. No filme, a hipersexualização da corpa travesti é usada ao avesso na medida em que a nudez de Linn afirma sua corpa Trans. Temos como objetivo analisar as transpornografias da obra cinematográfica

Bixa Travesty, desse modo, destacar as possibilidades de afirmação das corporalidades Trans frente aos padrões de gênero e sexualidade. Para isso, propomos a criação de um método transcartográfico, articulação teórico-crítica engendrada pelas pessoas autoras desse trabalho.

Transcartografias: (per)versões metodológicas

*Quando eu quero
Eu dou
Eu sento
Eu quico
Empurro com vontade!
Não sou de contar mentira
Mas invento minhas verdades
(Linn da Quebrada, 2017b).*

É preciso criar novas ontologias no mundo para permitir o desenvolvimento das potencialidades Trans (Favero, 2020). A pré-discursividade, binariedade e universalidade, apontadas por Viviane Vergueiro Simakawa (2015), servem como pilares para a cisgeneridade, logo, as possibilidades tranvestigêneres são postas em constantes questionamentos, tendo em vista que “As corporalidades trans abraçam as feminilidades e masculinidades propondo outros territórios com entradas e saídas para além da binaridade cisheteronormativa” (Nascimento; Meneses, 2021, p. 3). Por isso, apresentamos a análise das transpornografias do filme *Bixa Travesty* como forma de afirmação das transgeneridades e ferramenta transpornopolítica (Sarmet, 2014; Preciado, 2014), na busca de um transerotismo inclusivo das diferenças, aberto às experimentações corporais contrahegemônicas.

Nesse sentido, com inspiração na cartografia (Kastrup; Escócia, 2009) e na antropofagia (Rolnik, 2021) criamos o método transcartográfico que consiste em: 1) Mapear os agenciamentos discursivos da cisgeneridade; 2) (Des)territorializar esses

agenciamentos em outros caminhos; 3) Afirmar as corporalidades Trans através de suas produções desejanter. Pensamos nessa estratégia metodológica como máquina de guerra (Preciado, 2014) contra os dispositivos opressivos de gênero e sexualidade atuantes no cis-tema - termo derivado da junção dos termos cisgeneridade e sistema (Vergueiro, 2015), também como estratégia de promoção das falas do/pelo cu mestiço, conforme provocações de Jota Mombaça (2015). Usaremos como disparadores imagens do filme para representar as cenas selecionadas pelo critério de pertinência e adequação aos objetivos da pesquisa, para, dessa maneira capturar a vitalidade pela aproximação (Rolnik, 2021).

Abrindo as pernas para a câmera e outras fricções contrassexuais

*Que cool, que cool é esse?
Quem quer cair dentro dele?
Primeiro põe um pé, põe outro
Depois cai dentro
Mas que cool aconchegante
Parece um acampamento
(Linn da Quebrada, 2017).*

Com roteiro de Cláudia Priscilla, Kiko Goifman e Linn da Quebrada (Lina Pereira), *Bixa Travesty*, com 75' (setenta e cinco minutos) de duração, foi lançado em 21 de novembro de 2019 nos cinemas brasileiros, após ser exibido e indicado mais de 30 vezes em festivais europeus e nacionais no ano anterior (Ferreira, 2019), ganhou o prêmio de Melhor Documentário do Festival de Berlim de 2018 e os prêmios de Melhor longa-metragem eleito pelo júri popular, Melhor trilha sonora e Menção honrosa do júri no Festival de Cinema de Brasília. O documentário retrata o cotidiano, intimidade, performances, provocações, amizades, afetos, angústias, gozos de Linn da Quebrada na periferia da cidade de São Paulo, em uma profusão entre arte, ativismo e subjetividades, trata-se de um

[...] filme-manifesto em prol da identidade sexual plural, com a mira apontada na virilha dos machos. Linn da Quebrada é uma celebração dos diferenciais. [...] demonstra tanto orgulho do pênis quanto do ânus – ambos generosamente arregaçados diante da câmera em vídeos caseiros. Ela admite mesmo ter dúvidas quanto ao que fazer materialmente com seu corpo, embora o politize o quanto pode. (Mattos, 2018).

Torna-se imperativo construir narrativas diferentes das postas pelo padrão cisheterobrancosexual, é preciso falar e construir a si sem as mordanças coloniais de gênero e sexualidade (Mombaça, 2015; Quebrada, 2018). É preciso indagar o porquê da conformidade das identidades lidas como padrão (Favero, 2020) e reverter a lógica de dominação-submissão para a de autonomia-invenção - práticas libertárias das diferenças. A transativista impulsiona conexões entre suas performances artísticas e as construções de si, ela compreende o corpo “como um processo vivo” e encontrou “na arte um território físico de expressão e de possibilidades” (Quebrada, 2018, p. 76). Nessa direção, seguindo para as análises transcargográficas, a imagem 1 traz uma das capas de divulgação do longa-metragem.

Imagem 1 – Capa do filme



Fonte: G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/12/08/linn-da-quebrada-racha-nocoes-de-genero-no-filme-bixa-travesty.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Essa capa faz referência a uma das primeiras cenas do filme, onde Linn performa usando essa luva de metal. O púbis parcialmente exposto já indica o conteúdo erótico dessa produção audiovisual, com vastas cenas de nudez explícita, um dos motivos de sua classificação indicativa ser para maiores de 18 anos de idades.

Algumas apreensões cisgenerificantes podem ser disparadas pela imagem 1 e as cenas correlatas: **a)** a mão segurando a genitália pode sugerir a necessidade de escondê-la, valorizando, no ocidente, a sexualidade como segredo (Foucault, 2020); **b)** o uso erótico do acessório não corresponde ao ideário sexual, geralmente, restringido aos estímulos genitais. Percebe-se que os agenciamentos da cisheterobrancosexualidade tentam interditar certas performances consideradas perversões, porém há insurgências frente a esses costumes naturalizados historicamente.

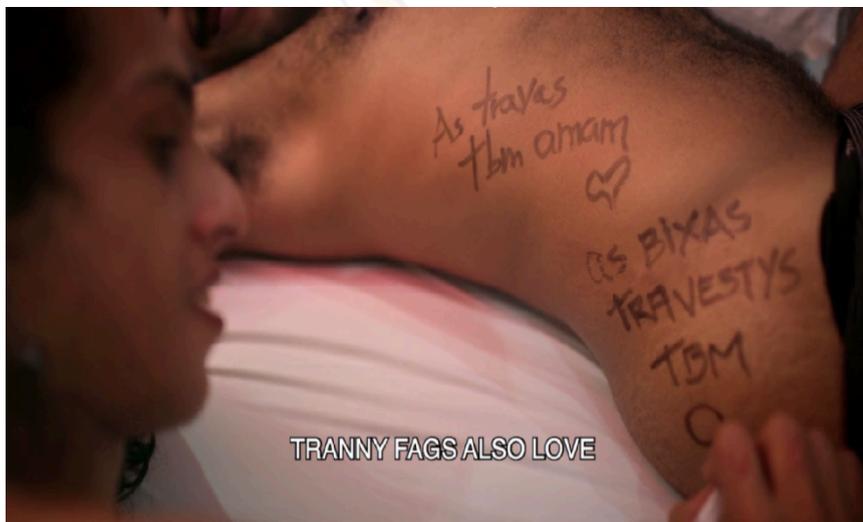
Com o agenciamento do segredo percebe-se a inibição da exibição do corpo nu, em contrapartida a mesma luva que tapa parte do púbis na capa é usada para estimular todo o corpo da protagonista: enfia uma de suas pontas alongadas na boca, a usa para arranhar sua coxa, para alisar suas costas, pescoço, braço e virilha. A não correspondência ao padrão de sexualidade demonstra a criatividade performática da transativista. A luva, inspirada em um figurino de Ney Matogrosso, é um artefato que pode ser lido como uma tecnologia do corpo, ao fundir o orgânico com o artificial (Preciado, 2014), lembra os movimentos robóticos, um modo ciborgue: humano, animal e máquina (Haraway, 2016).

Tais manifestações vão ao encontro das práticas contrassexuais descritas por Paul B. Preciado (2014), a contrassexualidade é uma tecnologia de resistência, de contraprodutividade sexual, um afronte a toda perspectiva moderna de sexo, desejo e identidade. Uma luva metálica pode provocar gozo até mais que um genital, isso reflete a mudança do essencialismo anatômico-biologizante posto às sexualidades e identidades de gênero.

Pessoas Trans e cisgêneras podem gozar não só pelas práticas tidas como “naturais”, também produzem orgasmos por outros meios, por exemplo, no uso de

máquinas, dildos e ânus, porque essa exclusão de determinadas relações entre sexos e gêneros, assim como a “[...] designação de certas partes do corpo como não sexuais [...] particularmente o ânus; como Deleuze e Guattari mostraram [...] são operações básicas de fixação que naturaliza as práticas que reconhecemos como sexuais” (Preciado, 2014, p. 31), edificando a arquitetura política do corpo. A seguir, a imagem 2 traz mais reflexões.

Imagem 2 – Transcartografia do desejo



Fonte: captura de tela feita a partir do documentário *Bixa Travesty*.

Linn, aos 32”59 (trinta e dois minutos e cinquenta e nove segundos), transcartografa em outro corpo negro, após trocar beijos e carícias, escrevendo no lado direito desse corpo: “As travas tbm amam” e “As bixas travestys tbm”. As cartografias, escritas e performances do desejo de pessoas Trans também afetam outras corporalidades: questiona, provoca, instiga, induz às trocas subjetivas; o que o corpo Trans pode escrever em outro corpo? Experimentar a potência epistêmica e pós-humanística das transvestigeneridades prescinde (re)conhecer suas diferenças e modos de resistir no mundo transfóbico e de fazer novos mundos (Nascimento; Meneses, 2021; Rodrigues *et al*, 2021).

As corporalidades travestigêneres “aprenderam coletivamente como criar coragem para agir mesmo quando as permissões são negadas desde o nascimento” (Nascimento; Meneses, p. 12). O amor transvestigênera é possível, nessa premissa afetiva cabe questões de alteridade mais incisivas: pode uma travesti ser amada? Como amar um corpo transvestigênera? As possibilidades de amor e de afeto não-cisgênero transcende o amor romântico heterocisbrancossexual, reformula noções universais de dicotomia homem/mulher, feminino/masculino, individual/coletivo. Sobre esse último aspecto a coletividade Trans se manifesta no amor próprio, relacionamentos Transcentrados – que reformulam muitos pressupostos essenciais das famílias ciscentradas, como maternidade e paternidade –, redes de apoio e demais articulações de afeto e desejo Trans, não reduzidas à condição civil e religiosa de casamento cisheterossexual.

Ademais, o mundo dá voltas, ma(i)s eu dou! Parafrasando a música “Tomara” de Linn, dá-se no/para o mundo voltas de existência insurgentes, táticas travestis de vida. As potencialidades transvestigêneras são diametralmente contrárias às limitações binárias, racistas e cissexistas do ocidente. Nesse cenário de diferenças, “A travesti quer um beijo!”, pichação urbana que indica o desejo de receber e dar afeto (Araújo, 2019), está em consonância com a imagem 3, parte de um ensaio exibido no filme.

Imagem 3 – Um beijo travesty



Fonte: captura de tela feita a partir do documentário “Bixa Travesty”.

No instante 46'52" (quarenta e seis minutos e cinquenta e dois segundos), Linn revê fotos suas, desde performances, ensaios, festas até quando estava internada por conta de um tratamento contra um câncer. A imagem 3 é uma das fotografias exibidas, mediante essa captura alguns elementos evidenciam-se: a sua boca aberta contra a superfície transparente e as manchas de batom. Para a cisheterobrancosexualidade **a)** o batom vermelho é símbolo sexual da feminilidade, seu uso deve ser exclusivo de mulheres cisgêneras; **b)** as travestilidades são abjetas, lidas como pervertidas, delega-se a ela somente os espaços da esquina noturna, para a prostituição.

Diante da imagem 3 dispara-se (per)versões do modo de pensar normativo de gênero e sexualidade. A superfície transparente pode ser um vidro ou acrílico, servem para criar barreiras invisíveis, no contexto do documentário, essas características fundem-se em novos territórios. A cisheterobranconormatividade tenta obstacularizar e barrar as vivências Trans, sempre agenciando apagamentos dessas identidades, a transparência rígida posta na sociedade transfóbica é frágil, pode manchar a qualquer indício de desvio e quebra-se quando submetida a forte impacto. A corpa travesti não é

invisível, apesar de sofrer processos de invisibilidade, ele se move, deixa suas marcas de batom e pode quebrar a hipocrisia lida como transparente do cis-tema.

A boca erotizada de “Linda que brada” reflete na superfície a pungência do desejo de ser, a hipersexualização da identidade travesti se volta contra as barreiras impostas socialmente. Nas cenas seguintes, há uma gravação de Linn nua com sua amiga debaixo do chuveiro, ambas se acariciam, seus seios e bundas molhadas estão à mostra. Essa interação desmistifica o engessamento cisheterossexista ao demonstrar a possibilidade afetivo sexual entre uma mulher cisgênera e uma travesti, seus corpos roçam, trocam sinergia, o par binário macho-fêmea é substituído por duas fêmeas, talvez performando uma bissexualidade e/ou lesbianidade Trans, outras expressões de gênero e sexualidade frente à heterocisnorma, causadora de violências e assassinatos (Meneses; Barreto; Nascimento, 2021). Querem apagar e matar quem desenha novas formas de vida e põe em risco as estruturas duras dos privilégios limitantes sobre os corpos, sexo e desejo.

“Eles são muitos, mas não podem voar”, assim diz a canção “Pavão misterioso” composta por Ednardo (2015) e regravada por Ney Matogrosso – participe do documentário. Eles podem ser muitos, contudo não se divertem nus em um banho de mangueira, a exemplo do instante 48'49" (quarenta e oito minutos e quarenta e nove segundos), representado pela imagem 4.

Imagem 4 – Uma travesti feliz é uma revolução



Fonte: captura de tela feita a partir do documentário “Bixa Travesty”.

Consequente, Lorena Cabnal é cofundadora do movimento feminista comunitário-territorial na Guatemala, no documentário “Derechos humanos de las humanas” (2022), produz reflexões sobre o papel da tristeza e adoecimento na manutenção das opressões de raça, gênero e classe, ela diz ser impossível combatê-las com corpos infelizes e doentes (ENTREAMIGOS, 2022). Baseado nas falas de Lorena Cabnal e na frase “uma mulher negra feliz é um ato revolucionário”, de autoria da feminista negra Juliana Borges (Nascimento, 2021), postulamos que uma travesti feliz é uma revolução. Se a cisheterobranconormatividade quer nos adoecer e entristecer, seja por quadro depressivos Cistêmicos, pânico social ou isolamento, a alegria Trans é uma máquina de guerra pela afirmação da vida (des)territorializada em novos caminhos.

Maria Galindo e Danitza Luna pixaram a frase “nossa vingança é sermos felizes” (Mombaça, 2015), a partir de Angela Davis (2018), afirmamos: a felicidade é uma luta constante. O momento registrado na imagem 4 representa a multiplicidade de corpos unidos pela felicidade de existir com suas diferenças. Corpos negras e brancas deslizando em águas refrescantes do acolhimento. A transpornografia também considera a (des)territorialização do corpo nu, para além do agenciamento colonial da vergonha da

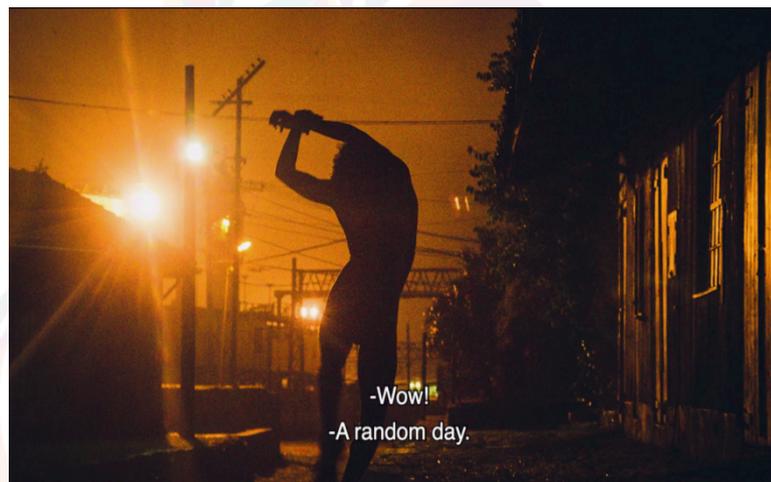
exposição do seu próprio corpo e a compulsória associação às práticas sexuais. No geografia travesti (Araújo, 2018; Meneses; Nascimento, 2021) a política do corpo é usada para (sub)verter as (in)capacidades corporificadas, assim, insere rearranjos semânticos incompreensíveis à lógica dominante, mulheres de paus, homens de buceta, cus falantes, travestis lésbicas, homens trans gays, nudez sem sexo, corpos nus felizes.

Aos 49'07" (quarenta e nove minutos e sete segundos), inicia-se uma série de três vídeos onde a artivista Trans manipula suas genitálias. No vídeo 1, há uma cena que enquadra o púbis de Linn, ela expande e pressiona o tecido escrotal contra o ventre, depois expõe sua glândula e estica seu pau de mulher para trás, pelo prolongamento do períneo, e finaliza cruzando seus membros inferiores. Aqui recorremos aos conhecimentos do pajubá, um modelo de pensamento e linguagem que constitui uma aliança travesti para se pôr no mundo (Favero, 2020), para nomear essa técnica de *aquendamento*, usada para acomodar a *neca* (pênis) entre as pernas. O vídeo 2, em 49'29" (quarenta e nove minutos e vinte e nove segundos), mostra Linn passando um batom cor púrpura no prolongamento peniano, pressionando a ponta do acessório de maquiagem na parte superior da glândula e puxando o prepúcio cobrindo quase completamente o utensílio de beleza. Durante o vídeo 3, permanece a mesma nudez frontal só que ensaboada, aparece sua mão, com uma bolha de sabão, aproximando-se da região genital, tentando colocá-la dentro dela, porém a bolha estoura em poucos segundos.

Essa série de vídeos materializa diversas vertentes do transerotismo, dentre elas, no vídeo 1, a valorização de uma técnica corporal usada por travestis, geralmente envolta em uma curiosidade cisgênera invasiva e aterrorizada. Por que esconder o falo? Símbolo sexual de poder e dominação masculina (Preciado, 2014). Desse modo, como um afronte ao poder patriarcal, as travestis renunciam às normativas cisgenerificantes atribuídos à genitália: quando "*aquendam a neca*"; assumem a feminilidade; e renunciam à cisgeneridade imposta por convenções sociais ao nascer.

Mediante o vídeo 2, podemos refletir sobre a marca do gênero nos objetos e órgãos. Cobrir o pênis de batom lhe deixa mais feminino ou é necessário penetrar o batom dentro do prepúcio? O pau de uma mulher também usa batom? Quais os signos conferem maior feminilidade? O batom púrpura nos lábios ou a calcinha vermelha cobrindo sua genitália? Estamos falando de subjetivações através de objetos, agenciamentos maquínicos (Preciado, 2014; Haraway, 2016), nessas fabricações transvestigêneres as ficções são postas à prova (Silva, 2020). Consequentemente a bolha estoura, como ocorre no vídeo 3, não há possibilidade de enquadramento, os contingenciamentos das vivências escapam das catalogações identitárias (Foucault, 2020; Simakawa, 2015). Logo, o que podemos aferir pela imagem 5?

Imagem 5 – (com)tornos transpornográficos ou a nudez está na forma



Fonte: captura de tela feita a partir do documentário “Bixa Travesty”, 2023.

Entre ângulos retos e curvilíneos, pessoas Trans não querem ser/aparecer cisgêneras (Favero, 2020), a cisheterobrancosexualidade esgotou-se em suas peripécias da vontade de verdade (Foucault, 2020), as regras dos jogos de se esconder do campo analítico já foram descobertas, “a cobaia agora é você!”, conforme postula Megg Rayara Gomes de Oliveira (2023). As transvestigeneridades estão descortinando e dissecando a

anatomia do poder pelos saberes de gênero e sexualidade. As fotos exibidas no instante 50'31" (cinquenta minutos e trinta e um segundos) caminham na direção de viver a corporalidade Trans, assumindo inclusive a fisiologia vilipendiada pela cisnorma. Um dos registros figura Linn da Quebrada urinando em uma rua à noite, em tempos onde são necessárias campanhas de "Libera meu xixi!" (campanha idealizada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais pelo julgamento favorável do uso seguro de banheiros por pessoas Trans na Supremo Tribunal Federal) e outras manifestações políticas. A fotografia mencionada expressa uma afirmação urgente: temos corpos, eles existem e funcionam quer queiram ou não. A materialidade cisheterobrancosexista precisa ruir, os banheiros devem ser liberados e as fisiologias livradas das maquinarias binárias de gênero e sexualidade.

O corpo travesti oferece perigo para a hegemonia essencializante, localizada na Biologia Medicina, Direito, Pedagogia, Psicologia e demais áreas do conhecimento acadêmico legitimadoras da verdade (Foucault, 2020), estruturadas no arcadismo das identidades masculinas, branco, heterossexual e cisgêneras produtoras de privilégios. Para eles é preciso controlar a corpa negra estranha, anormal e doente, dito isso, temos as provocações seguintes.

As cenas iniciadas em 51'05" (cinquenta e um minutos e cinco segundos) retratam o processo de quimioterapia de Linn para combater um câncer no testículo. É exibida a queda do cabelo, importante demarcador identitário da negritude feminina (referência), e vislumbra-se outras (re)montagens de si. A bixa travesty passa a questionar o lugar de controle posto ao seu corpo e de (re)conhecimento de suas fragilidades e potências. Em 53'45" (cinquenta e três minutos e quarenta e três segundos) inicia uma performance que dividimos em cinco cenas. Na cena 1, Linn começa a se acariciar dentro do apartamento hospitalar, vestindo um vestido azul, alisa sua cabeça calva, pernas e barriga, também segura o suporte de bolsa de soro, que está conectada por um acesso intravenoso. Posteriormente, na cena 2, aparece, no mesmo

ambiente, com um saco plástico no rosto, começa a enfaixar sua cabeça com uma fita adesiva contendo vários escritos de “cuidado” e “frágil”, conforme a imagem 5.

Imagem 5 – Cuidado, corpa perigosa: (des)faz seus desejos em 7 dias



Fonte: captura de tela feita a partir do documentário “Bixa Travesty”, 2023.

A gravação segue com o uso de uma tesoura para abrir um orifício na boca. Nos segundos adiante, com a cena 3, a performer travesti pega um pênis de borracha e o introduz no orifício feito pela tesoura, em uma modalidade de sexo oral, coloca o dildo no seu olho esquerdo e depois o passando no seu rosto. Na cena 4, Linn abre as pernas em um ângulo acima de 90° (noventa graus) em cima da maca hospitalar, trajando uma roupa de hospital, acaricia seu ânus, períneo e testículos, fecha e abre as pernas novamente. Por fim, no decorrer da cena 5, está usando um salto alto azul e um avental hospitalar solto cheio de marcas de beijo, que cobre apenas a parte superior de seu tórax, conferindo uma nudez inferior completa. Encontra-se passando batom vermelho na boca dentro do banheiro, enquanto cambaleia em movimentos imprecisos em cima da pia, ao passo que se olha no espelho, finaliza beijando e lambendo seu corpo até aproximar a boca da câmera.

As transcartografias dessas cenas capturam as vitalidades onde poderiam estar somente negatividades, essa é uma estratégia zumbi (Rolnik, 2021). Nesse contexto, a

primeira cena relatada evoca a afirmação da vida, mesmo sobre os controles sanitários, apesar das fragilidades físicas e emocionais, é preciso amar o corpo para profetizar geogênese (Nascimento; Meneses, 2021). Nas cena 2 e 3, notamos a semelhança com as performances sexuais de BDSM (Amarração, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo e Masoquismo), porém, novas rupturas são produzidas. “Linn da que Berra”, ainda recebendo medicação em suas veias, inverte a lógica da submissão e passa a se enfaixar com uma fita adesiva, sem ordens de um dominador, porque é médica e mostra de si (Quebrada, 2021). Os escritos da fita, usada para sinalizar objetos frágeis, potencializa a ruptura performática: pode um corpo frágil(izado) falar sobre si? Não só pode como rasga novas aberturas. A tesoura, usada para abrir um orifício, pode sugerir as estratégias para forjar linhas de fuga transpornopolíticas.

Paul B. Preciado (2014) discorre sobre a corrupção normativa das práticas de sexo oral e anal, por não corresponderem às expectativas reprodutivas da cisheteronormatividade ao usar órgãos catalogados pela Biologia e Medicina como do cis-tema digestivo, negligenciando toda a sorte de outros usos, incluindo o sexual. Soma-se a essa contrassexualidade o dildo, uma mutação prostética, circunscrito em certa impostura orgânica. O pênis orgânico é substituído por uma prótese mais eficiente, imbrochável. Em uma manifestação contrassexual e com os artefatos artificiais descritos por Donna Haraway (2016) gera-se a sexualidade ciborgue produtora de sua própria fertilidade, destituída do determinismo reprodutivo e criadora de gozos imanentes, uma ficção ebulindo em realidade transpornográfica.

Dentro dessas pornografias transeróticas o ânus figura órgão-dispositivo-enunciador. Incorpora-se a ele o protagonismo do discurso não binário e maniqueísta dos padrões de gênero e sexualidade, pois “[...] a interdição do cu nos corpos adequados à norma heterocissexista torna possível a manutenção do gênero como ideal regulatório atrelado à heterossexualidade como regime político” (Mombaça, 2015, online). O cu foi silenciado por ser aquilo que nos une (Preciado, 2014), seus enunciados denunciam a hipocrisia da divisão sexual, limitação do desejo e a inversão

de funções orgânicas. Entrementes, a boca e o ânus nascem conjuntamente, formam o começo e o fim do mesmo canal, e se o cu for o começo? Na cena 4, Linn se arregaça, grita com o seu cu sem emitir um som, “oculta sendo voraz” (Quebrada, 2017a), dispara o silêncio denunciante do orifício que é sempre escondido. Os pensamentos anais percorrem as gênesis obscurantizadas da humanidade. O cu de Linn é parte indissociável do seu corpo que “[...] se debate desesperada, cotidiana e ordinariamente para salvar sua própria vida. e se ativismo é compromisso, esse é o meu” (Quebrada, 2021, p. 163).

E no espelho da cena 5, voltamos ao batom púrpura, jeito lido desajeitado para o cisheterobrancoterrorismo, ao amor próprio. Primeiro desfruta de si, acaricia-se, beija-se e parte para câmera, quebra a quarta parede imaginária, e convida-nos para participar de suas ficções realistas do desejo.

Considerações finais

Analisar as tranpornografias do documentário “*Bixa Travesty*”, induz-nos a pensar como a lógica brancocisheterossexual escamoteia as negociações de corpo-sexo-desejo através dos (não)ditos da sociedade. O CISTema se manifesta por concessões e interdições na condução das materialidades dos corpos e sexualidades, ditando quais e como os afetos devem ocorrer. Alguns exemplos são a divisão do trabalho por gênero, criação de nichos de consumo com base em características de gênero e sexualidade, precarização da prostituição, formando um mercado farmacopornográfico (Preciado, 2014).

Dentro dessa guerrilha, surgem novas ontologias para possibilitar vida para às diferenças: uma travesti negra amando seu corpo e sua identidade (des)construída, através de performances eróticas e erosivas do engessamento binário. Cada cena, discurso, canto e berro configuram disrupturas desejanças, trans(in)gressoras de conceitos e práticas.

As câmeras capturaram imagens e sons, produzindo um filme-manifesto. Linn da Quebrada se liberta dessas capturas quando destaca a contingencialidade da vida, uma alteridade afetiva frente aos (des)territórios do mundo. Convoca-nos a questionar as (im)possibilidades e expressar nossos prazeres, dores, intimidades para gerar conexões para fora das telas.

Referências

ARAÚJO, V. P. S. **Um corpo potente fazendo das dores possibilidades de asas: TRANSformando os modos de educar e de resistência na Universidade**. 128 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2018.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

EDNARDO. **Pavão Misterioso**. YouTube, 14 de mai. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TyS_nVgfZCk. Acesso em 24 de julho de 2023.

ENTREAMIGOS. **Derechos humanos de las humanas**. YouTube, 17 de nov. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4iOVC_cZ5Q4. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

FAVERO, Sofia. **Crianças Trans: infâncias possíveis**. Porto Alegre: Devires, 2020

FERREIRA, Mauro. Linn da Quebrada racha noções de gênero no filme 'Bixa travesty'. 8 dez. 2019. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/12/08/linn-da-quebrada-racha-nocoos-de-genero-no-filme-bixa-travesty.ghtml>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: vontade de saber**. 11ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 250–260, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/41817>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MATTOS, Carlos Alberto. **Linn, corpo-manifesto**. Disponível em: <https://carmattos.com/2018/09/23/linn--corpo-manifesto/>. Acesso em: 25 de julho de 2019.

MENESES, Rafael Martins de; BARRETO, Tiago Alves; NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. O poder punitivo e as tecnologias de gênero: leituras pósestruturais. **Cadernos Cajuína**, v. 6, n. 1, p. 198212, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?**. 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mesticofalar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 23 de julho de 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do; MENESES, Rafael Martins de. Geogênese do novo mundo travestigênera: agonística, direitos e heterotopias da liberdade. **Revista Reflexões**, Ano – 10, nº 19, jul-dez de 2021. Disponível em: <https://revistareflexoes.com.br/artigos/geogenesis-do-novo-mundo-travestigenere-agonistica-direitos-e-heterotopias-da-liberdade/>. Acesso em: 18 de julho de 2023.

NASCIMENTO, Silva. **“Uma mulher negra feliz é um ato revolucionário”**: saiba mais [...]. Mundo Negro, 13 de set. 2021. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/uma-mulher-negra-feliz-e-um-ato-revolucionario-saiba-mais-sobre-a-arte-que-viralizou-no-final-de-semana/>. Acesso em: 09 de ago. 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. “A cobaia agora é você!”: cisgeneridade branca como categoria analítica. **Caderno Espaço Feminino**, v. 36, n.1, jan./jun. de 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/69857/36259>. Acesso em: 09 de agosto de 2023.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

QUEBRADA, Linn da. “Bixa, Preta TRÁ TRÁ TRÁ e Transviada”. *In*: MOREIRA, Larissa Ibúmi. **Vozes transcendentais**: os novos gêneros na música brasileira. São Paulo: Hoo Editora, 2018, p. 74-88.

QUEBRADA, Linn da. “corporATIVISMO”. **Albuquerque**: revista de história, v. 13, n. 26, p. 160-164, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.12359>. Acesso em 27 de julho de 2023.

QUEBRADA, Linn da. **Dedo no cué ft. Mulher Pepita**. YouTube, 06 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VD9jLPLlpR4>. Acesso em: 19 de julho de 2023.

QUEBRADA, Linn da. **Dedo Nucué ft. Mulher Pepita**. YouTube, 06 out. de 2017c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtUtgkkNtFg>. Acesso em: 23 de julho de 2023.

QUEBRADA, Linn da. **Fissura**. São Paulo: n-1 edições, 2020. (Série Pandemia)

QUEBRADA, Linn da. **Necomania ft. Gloria Groove**. YouTube, 07 out. 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VD9jLPLlpR4>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

QUEBRADA, Linn da. **Transudo**. YouTube, 06 out. 2017b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OKjx_lICGUK. Acesso em: 23 de julho de 2023.

RODRIGUES, Jessyka da Silva; NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do; MENESES; Rafael Martins de Meneses, ARAÚJO, Valdenia Pinto de Sampaio. Vidas Precárias de Travestis Negras: Uma Geografia do Machismo e da Transfobia em ParnaíbaPI. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 39 - 55, jul. / dez. 2021.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia Zumbi**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

SARMET, Érika. Pós-pornô, dissidência sexual e a situação cuir latino-americana: pontos de partida para o debate. **Revista Periódicus**, ed. 1ª, maio-out. de 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10175>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SILVA, Mariah Rafaela Cordeiro Gonzaga da. Antropofagia virtual: processos de mediatização e práticas de insurgência corpo-identitárias no Brasil. **REBEH**, v. 3 n. 12, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10698>. Acesso em: 19 jul. 2023.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015, 244 f.

Transpornographies: transerotic performances from the documentary Bixa Travesty

Abstract: Counter-hegemonic sexualities can manifest themselves in various artistic ways, and the audiovisual production "Bixa Travesty" highlights these possibilities. In this documentary, the hypersexualization of the transvestite body is turned upside down as Lina Pereira's performances affirm her transvestite body. In view of the above scenario, we bring in the concept of transpornographies to highlight non-cisgender affective, sensual and sexual performances, their ontological ruptures and destabilizations of cis-white-straight-sexism through references from Transfeminism (Viviane Vergueiro, 2015; Nascimento; Meneses, 2021; Sofia Favero, 2020). Our aim is to analyze the trans transpornographies of the cinematographic work Bixa Travesty, thus highlighting the possibilities for affirming trans bodies in the face of gender and sexuality standards. In the course of the work, we see that the agencies of cis-white-straight-sexuality try to interdict certain performances considered perverse, but there are insurgencies against these historically naturalized customs.

Keywords: Transvestite; Transpornographies; Gender and sexuality; Transfeminism.

Recebido: 31/08/2023

Aceito: 20/02/2024